

SUSTENTABILIDADE PRODUTIVA E EFEITO POUPA-FLORESTAS NA AGRICULTURA: UM COMPARATIVO INTERNACIONAL

Zenaide Rodrigues Ferreira

Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Economia Agrícola (ne2agro) na Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dirur/Ipea); doutora em economia pela Universidade de Brasília (UnB); e professora de economia do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmecc) do Distrito Federal. *E-mail*: zenaide.r.ferreira@gmail.com.

José Eustáquio Ribeiro Vieira Filho

Técnico de planejamento e pesquisa na Dirur/Ipea; e professor do mestrado profissional em políticas públicas e desenvolvimento do Ipea.

DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/td2980-port>

Os ganhos de produtividade na agropecuária são essenciais no debate de segurança alimentar e sustentabilidade ambiental. Enquanto o crescimento populacional estimula o aumento do consumo, o crescimento produtivo pressiona o uso dos recursos naturais. Assim, quanto maior a produtividade, maior será a oferta, mais eficiente será a alocação dos recursos e menor o preço dos alimentos. A eficiência produtiva também está associada à sustentabilidade ambiental. De um lado, é possível produzir mais em uma mesma unidade de terra. De outro, pode-se economizar fatores escassos e evitar a abertura de novas áreas produtivas, via desmatamento.

Embora, de forma estilizada, seja evidente a relação que se estabelece entre avanço tecnológico, produtividade e sustentabilidade ambiental na agricultura, dimensionar essa relação, dentro de uma perspectiva agregada, é um grande desafio. Considerando-se a centralidade das principais economias produtoras de alimento no mundo, este estudo visa elaborar dois indicadores comparativos de sustentabilidade produtiva na agricultura. Um indicador é baseado no crescimento da produtividade total dos fatores (PTF), incluindo as emissões de gases de efeito estufa (GEE). O outro indicador é baseado no efeito de poupança florestal.

Tais indicadores buscam relacionar as dimensões da produtividade agrícola e da sustentabilidade ambiental, esta última medida em termos de emissões de GEE e pelo efeito poupa-florestas. As emissões de GEE pelos setores da agropecuária e da mudança no uso do solo podem refletir uma trajetória de sustentabilidade ambiental, enquanto o efeito poupador de florestas, resultante do uso de tecnologias, reflete uma contribuição para a redução de áreas desmatadas na incorporação de novas áreas para produção agropecuária. Para o comparativo, foram selecionadas as dez principais economias agroexportadoras do mundo, tendo como base os dados de comércio internacional da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (Food and Agriculture Organization – FAO). Em ordem crescente do *ranking* do valor das exportações agropecuárias, os países analisados foram: Estados Unidos, Holanda, Brasil, Alemanha, França, Espanha, China, Itália, Canadá e Bélgica.

Como resultados relevantes, pode-se apontar que países que investem em tecnologias conseguem, simultaneamente, aumentar produtividade e diminuir emissões de GEE. O Brasil, particularmente, apresentou os melhores indicadores de produtividade, o que, indiretamente, contribuiu para a sustentabilidade. O país poupou,

SUMEX

entre 1990 e 2020, quase a metade (43,2%) do seu território com uso de tecnologias na produção agropecuária. Esse esforço representou também maior produção por unidade de emissão. Os resultados mostraram que, para o Brasil, fundamentalmente, 1kg de alimento produzido em 2018 gerava menos emissões do que no passado.

O Brasil, a despeito de ser um grande produtor agropecuário, apresentou melhores indicadores de produtividade. Deve-se ressaltar que é no setor agropecuário que existem as janelas de oportunidades para mitigar e reduzir emissões de CO₂ equivalente. No comparativo internacional, não há dúvidas que a construção de políticas tecnológicas bem-sucedidas deve ter o foco no crescimento da produção por unidade de insumo. Ademais, o financiamento de tecnologias sustentáveis contribui para garantir, não somente a segurança alimentar, mas também para o desenvolvimento econômico e a redução na pressão sobre o desmatamento.